

Produção de Subjetividades nas relações de corporeidade em tempos de “descuido de si”

por Dagmar de Mello e Silva¹

A cena...

O mundo da juventude me era desconhecido.
Estava de fora e contemplava.

Ingmar Bergman

A entrada da pesquisadora na sala de aula provocou tantos ruídos que as escutas se tornavam inaudíveis. Atorroadada, ela busca situar-se diante da turbulência de ondulações sonoras que tornava aquele momento indecifrável. Enquanto psicóloga, ela aprendera que era preciso desconfiar das palavras retumbantes e altissonantes. Entendia que, por trás dos barulhos, existiam silêncios, murmúrios que expressavam coisas. Lembrou de alguns conhecimentos que adquiriu lendo Deleuze e Foucault, conhecimentos que a fizeram entender as coisas em suas intensidades, como acontecimentos que nos passam. Segui-las sem julgamentos, tentar captar suas bifurcações, rupturas, brechas, recebê-las como uma experiência que nos toque...

Pensou que assim, alguns silêncios se tornariam sonoridades, se fazendo falar na medida em que fossem penetrando por entre camadas, dobras repletas de sentidos, a princípio indecifráveis a escutas acostumadas com palavras de ordem, mas que, na superfície dos fluxos, das ondas sonoras, era possível desfazer-se de uma linguagem

tomada de poder para só então dar ouvido a outras formas de escutas ali presentes...

Naquela turma, do primeiro ano do ensino médio, reencontrou Marina, a menina que confundira com um menino no primeiro dia em que esteve na escola e, talvez porque houvesse alguma coisa em seu olhar que parecia deixar escapar aos códigos, evocou-lhe certa empatia.

A entrada da pesquisadora na sala de aula provocou estranheza. Os olhares curiosos se transformavam em perguntas que procuravam entender a presença estrangeira que não reconheciam como habitante daquele território, colocando-a diante do desafio de apresentar-se na sua própria língua em conversação com a língua deles, procurando desterritorializar fronteiras.

As palavras de Deleuze mais uma vez assaltavam seus pensamentos e ela se preocupava em falar evitando palavras de ordem. Era preciso se fazer entender, criar naquele espaço formas de fazer falar aquilo ou a quem tantas vezes foi calado. Devolver às vozes seu potencial de luta sobre toda forma de poder, deixar fluir o que escapa aos

códigos.

A proposta provocou tanta estranheza quanto a estrangeira. As falas descompassadas expressavam ritmos e intensidades de difíceis escutas aos ouvidos de uma pesquisadora que ainda trazia consigo impregnações de escutas viciadas em compreender “o que está por dentro”, e dificuldade em estabelecer relações com o que está “fora”, com o que está dito nas superfícies mesmo que turbulentas aos modos de ouvir em pautas. A pesquisadora, agora, já não mais tão estranha, expõe sua própria dificuldade de escuta e os ritmos começam a se tornar mais cadenciados aos seus ouvidos. Seria preciso, ainda, muito tempo para que ela aprendesse a perceber a potência na diversidade de ondulações de vozes que se misturam, irrompem novas vozes, se quebram para retomar novos sentidos.

Marina, a menina confundida com um menino que parecia deixar algo escapar aos códigos, pergunta sobre o que poderiam falar e a recém-repatriada pesquisadora lhe devolve a pergunta. Imediatamente um coro se anuncia pronunciando a palavra *sexo!*

- E o que vocês querem falar sobre sexo? (pesquisadora)

Novas arritmias e inten-
sidades, entre clarões e trova-
das, uma chuva de camisinhas
se anuncia pela sala. A pes-
quisadora repete a pergunta e
um menino, sob o aplauso de
todos, responde...

- Qualquer coisa menos DST,
HIV e controle de natalidade,
disso estamos de
saco-cheio...

- Pois bem, então me digam
o que vamos conversar sobre
sexo? (pesquisadora)

- Coisas ora!

- Mas que coisas? (pesquisadora)

Entre tantas vozes,
olhares ávidos, um gesto tími-
do se faz notar. Trata-se de uma
menina de aproximadamente
quinze anos com o dedo indi-
cador apontado para cima a
pedir licença para perguntar
algo...

- Gente! Alguém está querendo
ser ouvido! (pesquisadora)

Nesse instante o silêncio está
posto, como por contágio... Eu...
silêncio, Eles...
Elas... Silêncio...

- Como é o seu nome? (pes-
quisadora)

- Ângela...

- Oi Ângela! O que você tem a
dizer? (pesquisadora)

- Eu... eu tenho uma filhinha...
Um bebê de oito meses

- Hummm... Um bebê? E como
é ter um bebê? (pesquisadora)

- Difícil... A gente não pensa,
mas depois que acontece... É
isso. Não saio mais
porque minha tia só fica com
ela pra eu vir pra cá. Meu pai
me botou pra fora e minha
mãe pediu pra eu ficar na casa
dela... Aí eu fico assim...

- Assim como? (pesquisadora)

- Assim... Meio perdida sem
saber como vai ser de agora em
diante...

- E o pai do neném? Não te
ajuda? (pesquisadora)

- Não nem quer saber...

- Te ajuda compartilhar isso
conosco? (pesquisadora)

- Sei lá... Deu vontade... Não era
pra falar de sexo? Achei que
tinha a ver. Na hora a gente
não pensa e depois é que vê
quando acontece...

- Compreendo o quanto deve
ser difícil para você... (pesquisadora)

A menina concorda com a
cabeça...

- Ângela, você quer falar um

pouco mais sobre essa ex-
periência?
(pesquisadora)

- Não era só isso mesmo... Só
pra falar um pouco...

- Mas se você quiser falar mais
pode falar... (pesquisadora)

- Era só isso mesmo...

- Então, me digam uma coisa...
Vocês disseram que estão de
saco cheio de falar sobre DST,
HIV e contracepção. Tiraram,
como num passe de mágica,
uma infinidade de camisinhas
da mochila, mas, pelo visto...
Não consigo entender? A
Ângela, de certa forma parece
nos dar o que pensar sobre
isso... Pelo menos eu fico aqui
a pensar... Como é isso? (pes-
quisadora)

Marina estava silenciosa
fazendo movimentos "mastur-
batórios" em uma
camisinha que soprou sob a
forma de um pênis. Quando o
som sai de sua boca, provoca
um silêncio coletivo e sua voz
parece fazer povoar de sentidos
os tantos ruídos daqueles
meninos e meninas cuja so-
noridade das vozes ainda eram
difíceis de serem escutadas
pela pesquisadora.

- Olha, quer mesmo saber?
Queremos falar de coisas tipo...
Eu, por exemplo,
gosto de meninos e de meni-
nas, o que você acha?

Risos...

- Acho que tem gente que gosta de meninos, gente que gosta de meninas e gente que gosta de gente em geral e você, ao que parece, é uma delas. (pesquisadora)

- Não é disso que eu estou falando... Eu tô te dizendo que gosto de transar com homens e com mulheres. Aliás, muito mais com mulheres...

- Eu entendi o que você quis dizer... Mas vou repetir de outra forma. Tem gente que gosta de transar só com homens, gente que gosta de transar só com mulheres e gente que gosta de transar com toda gente... (pesquisadora)

Muitos risos...

- Ah! Mas você entende isso, ou pelo menos parece que entende... Mas vai explicar pro meu pai... Sabe, Dagmar, meu pai não quer saber disso não. Já apanhei muito na vida e tive que cuidar de meus onze irmãos pros meus pais trabalharem. As pessoas sabem mesmo é criticar, não entendem nada o que se passa com a gente. Você perguntou o que queremos falar sobre sexo? Quer mesmo saber?

A menina pálida, aparentemente pela falta de exposição ao sol, e de cabelos

curtíssimos, negros, combinando com todo o resto de sua vestimenta, descruza as pernas e planta seus boots pesados no chão, arregaça as mangas de sua jaqueta e as pernas de suas calças deixando expostas suas cicatrizes, marcas de cortes de gilete feitas por ela própria, mas que nos deixa dúvidas se, ali, em cada corte, também não estavam outras mãos segurando as suas...

Enunciações discursivas sobre DST, HIV ou métodos anticoncepcionais, palavras de ordem, mas que não se constituem dispositivos potentes que produzam desdobramentos, intensidades onde o pensamento aconteça não na interpretação, mas na experiência como se é tocado. Pensamento que atua quando forças se colocam em atividade, gerando multiplicidade, destituindo formas únicas de conceber o mundo, produzindo modos outros de conceber a sexualidade. Uma sexualidade que pulsa por acontecimentos que escapam ao controle, engendrando novos espaços-tempos, fluxos, linhas de fuga que produzam novos agenciamentos e que nos deixa em constante interrogação.

Mais uma vez o filósofo (DELEUZE, 2006) faz lembrar à pesquisadora que o "pensamento é como um mergulho que traz sempre algo à luz. Tem que fazer dobrar, e de repente se distender como uma mola" e ela, então, fica a pensar com Foucault (2006)...

[...] Tinha-me posto à procura destas espécies de partículas dotadas de uma energia tanto maior quanto elas próprias forem mais pequenas e difíceis de discernir. Para que algo delas chegasse até nós, foi, porém necessário que um feixe de luz, ao menos por um instante, as viesse iluminar. Luz essa que lhes vem do exterior. Aquilo que as arranca à noite em que elas poderiam e talvez dessem sempre, ter ficado, é o encontro com o poder; sem este choque, é indubitável que nenhuma palavra teria ficado para lembrar o seu fugidio trajeto. (p. 97).

O Corpo...

A Igreja diz: O corpo é uma culpa

A ciência diz: O corpo é uma máquina.

A publicidade diz: O corpo é um negócio.

O corpo diz eu sou uma festa.

Eduardo Galeano

Parto de Galeano e da genealogia de Foucault sobre o cuidar de si para pensar nos modos de subjetivação pelos quais o sujeito se reconhece e se afirma em sua corporeidade no mundo contemporâneo.

Assim, o filósofo francês nos leva a percorrer diferentes momentos históricos a fim de problematizar as estéticas existenciais no contemporâ-

neo. Neste percurso busco, também, diálogo com Benjamin para quem o retorno ao passado não se trata de retomá-lo como foi um dia e nos aconselha retirar-lhe a arrogância da tradição para que possamos compreender aspectos significativos que nos despertem do torpor do presente resignificando o futuro. Portanto, o que tento expor no breve ensaio que se segue é buscar rotas de fuga que possam nos retirar do ostracismo e da impotência que nos paralisa diante de discursos apocalípticos que argumentam a dissolução do sujeito por uma ordem capitalista que lhe produz subjetividades destituindo-lhe autonomia e criação.

Cabe aqui, ressaltar, que não se trata de ser ingênua por não perceber que em algum momento histórico a cultura do cuidado de si deu lugar a uma cultura de sujeição. Mas de buscar os enfrentamentos para que o desânimo e a desesperança dêem lugar a uma inveja do futuro.

Assim, Foucault em suas últimas obras sobre a ética existencial do sujeito, nos reporta à antiguidade grega para mostrar que experiência ética se efetivava por meio de todo um conjunto de técnicas relativas ao bom uso dos prazeres, da virtude e da temperança.

Em história da sexualidade o pensador francês comenta que:

[...] o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram repletas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu assim uma prática social, dando lugar a relações interindividuais [...] (FOUCAULT, 1985, p. 50).

Para os filósofos antigos, o cuidado de si se referia a uma "ética de si" entendida como uma experiência dos prazeres, a substância ética da moral antiga, diferente da experiência cristã da carne e da experiência moderna da sexualidade; possibilitava ao homem antigo uma reflexão sobre os seus modos de existência, para que a trajetória de vida do sujeito fosse marcada pela felicidade e pelo domínio de seus instintos.

Os estudos de Foucault nos mostram como na antiguidade a questão dos prazeres foi problematizada a partir de técnicas de si, que tinham como objetivo maior fazer com que o sujeito fosse senhor de seu destino.

Sobre isso, Foucault (2004), comenta que:

[...] a epiméleia heautoû (o cuidado de si e a regra que lhe era associada) não cessou de constituir um princípio fundamental para caracterizar a atitude filosófica ao longo de quase toda a cultura grega, helenística e romana. Noção importante, sem dúvida, em Platão. Importante nos epicuristas, uma vez que em Epicuro encontramos a fórmula que será tão frequentemente repetida: todo homem, noite e dia, e ao longo de toda sua vida, deve ocupar-se com a própria alma [...]. Entre os cínicos a importância do cuidado de si é capital (FOUCAULT, 2004, p. 12)

É importante ressaltar o fato de que o sujeito, ao cuidar de si, estaria necessariamente cuidando do outro e a exemplo disso estão os estóicos cujas doutrinas e condutas estavam voltadas as necessidades da humanidade.

A ética que para os antigos era relativa a toda uma maneira de ser e de se conduzir. O homem virtuoso era aquele que conduzia sua vida mediante a prática do cuidado de si. Ser livre significava não ser escravo de si mesmo, de seus instintos. Essa liberdade significava um domínio do sujeito em relação a si mesmo.

Se nas culturas antigas (grega e greco-romana), o espaço de subjetivação e de constituição do sujeito, enfatizava a liberdade e a produção

de si mesmo, com o Cristianismo o cuidado de si passou a ser visto com desprezo. Trata-se agora, de uma nova técnica de si, onde as condutas são controladas por uma metafísica cristã que controla não só as condutas, mas, pensamentos, movimentos mais íntimos de nossos desejos, assim, o ideal cristão culpabiliza as investidas do corpo considerando que a revelação só pode ser concedida mediante a renúncia de si.

A entrada na modernidade dá início a um período marcado pelo estatuto das ciências humanas originando saberes que se configuravam em instituições como os hospitais psiquiátricos, prisões e até mesmo, posteriormente a escola.

É nesse momento que o saber se institui como forma de poder, biopoder, que captura os corpos através de mecanismos de controle, técnicas sutis, de docilização e domesticação. Uma disciplinalização dos corpos que se dá nas práticas sociais cotidianas.

Biopolítica da espécie humana, esfera de atuação do poder político que amplia sua ação para os próprios processos de vida onde os homens-espécie são regulamentados por mecanismos exercidos pelas instituições.

Nesse contexto se evidencia a naturalização de verdades tidas como universais. O propósito aqui nos parece atender a uma instrumentalidade técnica que veio se

sofisticando ao longo desses tempos para cá e mudando suas formas de atuação.

Poderse-ia dizer até, que o bio-poder proposto por Michel Foucault, nos tempos atuais, não mais atuaria por mecanismos de coerção disciplinar, mas sob outras formas de controle e regulamentação que buscam produzir nos sujeitos a satisfação dos desejos, do prazer e do consumo em massa.

Mas, Nietzsche (2005), ao proclamar nossa condição “humana, demasiadamente humana”, nos lembra que toda e qualquer espécie de conhecimento e forma de valoração são produzidos pelo e para o homem servindo a algum propósito.

Portanto, retomando o ponto de partida desse ensaio e chamando ao diálogo Galeano, entendo que, nessa perspectiva “o corpo” pode até dizer-se como festa, mas, pelo visto, nem sempre divertida já que, ao longo da história, na maioria das vezes, foi sendo aprisionado a circunstâncias territorializadoras, domesticadoras, disciplinadoras e tantas “dores” mais que ajustam o corpo as demandas do “outro”. Um “outro” que circunscreve e determina nossos modos de ser e estar no mundo. Limitando a liberdade de nossas expressões corporais, delimitando nossos movimentos, cerceando relações “festivas” com nossa própria corporeidade.

Assim, minha intenção ao expor uma das experiências

que compartilhei com alguns jovens que participaram de minha tese foi tentar realizar algumas conversações² que possam fazer emergir espaços/tempos instituintes de uma estética de existência que, provocando o reconhecimento da necessidade de olhar para si, de dizer-se ou de “cuidar de si”, nos confira potência para consistirmos como sujeitos livres para resistir e criar ■

NOTAS:

1 Doutora em Educação pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense, Graduada em Psicologia (UGF). Professora do Curso de Pedagogia da UNESA e pesquisadora do Aleph/UFF.

2 “certas conversações” que, segundo Deleuze (1992), “duram tanto tempo que não sabemos mais se ainda fazem parte da guerra ou já da paz.”

REFERÊNCIAS:

- DELEUZE, Gilles. Conversações, 1972 – 1990. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- _____. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema – Coleção Ditos e Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- _____. História da Sexualidade III: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Graal, 1985
- NIETZSCHE, Friedrich. Humano, Demasiadamente, Humano. In: NIETZSCHE, Friedrich. Obras Incompletas. Col. Os pensadores. São Paulo, SP: Nova Cultural, 2005.